

Mais gente nas urgências à conta das drogas

Durante qualquer situação de crise e confinamento, como falamos de um factor de risco, “é natural que exista um aumento” no consumo de drogas e álcool.

As informações são avançadas por Nelson Carvalho, psicólogo clínico e director da Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências (UCAD), que considera o fenómeno “natural, porque as pessoas estiveram mais tempo em casa”.

Por um lado, o responsável sustenta a sua afirmação num estudo promovido por algumas entidades que identificaram o facto do consumo de álcool ter sido mais recreativo após o início da pandemia, ou seja, “as pessoas ficaram em casa e foram bebericando”, tanto até que houve uma conclusão a retirar deste estudo: passaram-se a vender vinhos mais caros, o que demonstra que o consumo foi mais recreativo do que dependente.

Em relação às drogas não há dados concretos que digam ou comprovem o ligeiro aumento, mas há sinais do incremento, nem que seja em alguns casos pontuais, “porque a maioria das pessoas que consomem drogas sintéticas - substâncias psicoactivas - são indivíduos que também são dependentes da heroína”.

“São esses que continuam a fazer essa mistura e há um fenómeno, na Madeira, que estamos a estudar. Os consumidores vão alternando entre a heroína e as novas substâncias psicoactivas o que é perigosíssimo, porque a heroína tem um efeito depressor no sistema nervoso central, enquanto muitas destas novas drogas tem um efeito estimulante, com uma agravante: são drogas altamente potentes, com efeitos ainda mais perigosos do que as drogas ditas

clássicas e com consequências mais perigosas para a saúde. Não é por acaso que estes consumidores de substâncias psicoactivas têm doença psiquiátrica associada e de forma crónica. Em muitos casos é necessária medicação para o resto da vida”, indicou Nelson Carvalho.

O responsável pela UCAD esteve também em posição de avançar que houve um aumento de pessoas a darem entrada no Serviço de Urgência, não só devido a estas drogas sintéticas, mas também à conta de outras, sobretudo na parte final do confinamento.

“As pessoas estão mais disponíveis, têm mais medo e estão mais preocupadas. Muitas estão isoladas e o refúgio que têm para enfrentar a situação é consumir”, explicou, antes de lembrar a importância da lei que proibiu o consumo das então apelidadas ‘drogas legais’.

“Nós já sabíamos, a partir do momento em que o Governo Regional criou a lei para regular as novas substâncias psicoactivas, de forma contraordenacional, que elas iam continuar no mercado ilícito. A agravante é que são drogas mais baratas e com efeitos mais potentes. Muitas vezes o dependente gosta de experimentar coisas novas e de ter novas sensações, e os próprios traficantes vão retirando do mercado a heroína e vão introduzindo estas substâncias psicoactivas, pelo que o consumidor vai alternando”, referiu.

Preço da droga é superior

Nelson Carvalho mencionou também que “os preços das drogas, na Madeira, são sempre superiores ao continente” e “estas novas drogas chegam muito através da Internet, porque em alguns países são legais”.

“Temos um trabalho conjunto entre todas as autoridades, tentando arranjar medidas para prevenir e

ir monitorizando o fenómeno e lutando contra ele. É uma área em que temos trabalhado bastante. Há fiscalizações, controlo na Alfândega e nos correios, portanto, tem havido uma série de acções, só que como é natural passa sempre algo. São pequenas quantidades, altamente dissimuladas, que dão para muitas doses”, elucidou.

Em 2012 registámos o pior ano em termos de consumo destas novas drogas. Registaram-se 204 internamentos na Casa de Saúde de São João de Deus e cerca de 300 admissões no Serviço de Urgência. A Madeira chegou a gastar 250 mil euros para estes internamentos. Há dois anos, segundo Nelson Carvalho, houve um pequeno aumento neste indicador que tem andado mais ou menos estacionário, mas com a pandemia os números podem mudar. “Temos de esperar pelos resultados”.

Além disso, o psicólogo garante que “são bem poucos os casos em que tem havido entradas na Urgência ou Internamentos de menores com consumos de novas substâncias psicoactivas”.

MAIS BAIXO EM CANNABIS

■ O consumo de cannabis, na Madeira, diminuiu ao longo dos anos e hoje somos a Região com o indicador mais baixo, em todo o país. “Muitas vezes vista como uma droga inofensiva e inócua”, Nelson Carvalho deixa o alerta e aconselha os jovens para que não consumam esta droga, visto ser “responsável por 25% das doenças mentais, no Mundo, e provoca doenças no foro psiquiátrico e cardíaco, que põem em risco a saúde dos indivíduos, levando-os até à dependência”, ou seja, “a cannabis é muitas vezes a porta de entrada nas drogas”.

*Rúben Dias
In “Diário de Notícias”*